

BÍBLIA E MISSÃO: HERMENÊUTICA MISSIONAL

Ezionggeber Vieira de Lima²³

RESUMO

A neutralidade hermenêutica, ainda resquício da influência iluminista pode não ser mais apropriada para uma leitura da bíblia. A alternativa de uma hermenêutica da liberdade, ou da libertação foi proposta a partir da reflexão das profundas desigualdades e injustiça social verificados na América Latina. Entretanto, tal hermenêutica trouxe um exacerbado viés político, de orientação marxista. A hermenêutica missional é analisada seguindo seu percurso histórico, inclusive considerando a revisão do conceito de missão. A proposta é que se permita que o texto fale por si mesmo, a partir da referência do Deus que tem a missão de salvar o homem, e esta missão é compartilhada com o seu povo. Sua importância e pertinência são enfatizados frente aos desafios apresentados pela secularizada sociedade pós-moderna. O percurso da hermenêutica missional é apresentado a partir dos seus principais teóricos, desde os períodos de criticismo exacerbado no qual o texto era visto apenas como História da Religião de Israel e História dos cristãos primitivos, até o retorno da autoridade das Escrituras e da crença na mesma como Palavra de Deus. A teologia bíblica trazendo o fio condutor da missão de Deus. A interpretação do texto bíblico utilizando a hermenêutica missional, sua pertinência e importância para a igreja.

Palavras-Chave: Bíblia; Missão; *Missio Dei*; Hermenêutica; Hermenêutica Misional.

INTRODUÇÃO

É comum no meio evangélico conservador ser encontrado nas confissões ou declarações de fé a afirmação “a bíblia como única regra de fé e prática”. Mas como esse livro escrito há tanto tempo, se torna de fato, regra de fé e prática? A hermenêutica é a responsável por fornecer as ferramentas de interpretação do texto bíblico.

Está hermenêutica, no entanto, pode ser puramente objetiva, crítica, “científica”. Filha do Iluminismo, a hermenêutica crítica forneceu as lentes para a leitura da bíblia para a maior parte dos cristãos da Europa e dos Estados Unidos no século XIX e na primeira metade do século XX. A leitura da bíblia utilizando uma

²³ Mestrando em Teologia pela FABAPAR, Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste, Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo e Pós-Graduado em “Mundo Judaico e Helênico: Língua, Cultura e Religião”, pela Faculdade Batista de São Paulo, Bacharel em Administração de Empresas e Pós-Graduado em Gestão de Pessoas pela FCAP/UPE Universidade de Pernambuco. Professor na Faculdade Cidade Teológica Pentecostal. ORCID: 0009-0003-8961-5588. E-mail: geberlima@yahoo.com.br

metodologia crítica a tornou apenas uma antiga literatura religiosa com alguma sabedoria que despertasse interesse ao homem moderno.

É possível também a utilização de uma hermenêutica da liberdade, oriunda da teologia da libertação, que traz lentes que permitem uma leitura da bíblia à luz do contexto histórico social do povo de Deus, e que utilizando determinados pressupostos pleiteia e legitima a luta de classes.

Portanto, a maneira como se estuda e lê a bíblia é muito importante. A hermenêutica missional surge como uma alternativa, não apenas necessária, mas totalmente pertinente diante dos desafios de uma sociedade secularizada e descristianizada. “Uma hermenêutica missional da Bíblia explora a própria natureza bíblica em relação à missão” (WRIGHT, 2014, p. 51). Uma hermenêutica missional é capaz de instrumentalizar o cristão para que a bíblia seja em sua vida “única regra de fé e prática”.

1. UMA HERMENÊUTICA BÍBLICA ESTÉRIL, DECORRENTE DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO

O movimento iluminista que sacudiu a Europa a partir da segunda metade do século XVIII, desafiou as doutrinas e crenças cristãs, tanto nos ambientes católicos quanto protestantes. Na França, a fé católica, profundamente atrelada às estruturas políticas teve um destino parecido com o da realeza francesa. O culto à razão substituiu as missas e celebrações cristãs. O mundo protestante, então liderado pela Inglaterra e Alemanha, embora não tenha sofrido manifestações violentas, semelhantes à Revolução Francesa, foi profundamente afetado pelos ventos do deísmo e do ceticismo oriundos do iluminismo britânico e germânico.

A Bíblia foi exposta ao escrutínio e analisada como qualquer outro livro, resultando em desafios crescentes à sua compreensão:

Os escritos que formam o Novo Testamento historicamente nada mais são do que documentos de uma história da religião da Antiguidade, redigidos numa língua morta e que lançam mão de conceitos e concepções de mundo que, em sua maioria, não nos são mais acessíveis. Por essa razão, somente a pesquisa histórica tem condições de elucidar tais escritos e fazer compreender aproximadamente o que o autor quis expressar (Kummel, 1983, p. 12).

A unidade entre Antigo e Novo Testamento, historicamente defendida entre os estudiosos cristãos foi rechaçada. A autoridade das Escrituras foi veemente

contestada. A bíblia passou a ser vista, de fato, como uma coleção de escritos antigos, que em algum momento da história, foi reunida por pessoas piedosas para que aquele se tornasse o seu livro “sagrado”.

Os teólogos se viram forçados a diferenciar totalmente uma da outra a exposição do Antigo e a do Novo Testamento. Além disso, viram-se obrigados a, ao apresentarem os pensamentos do Novo Testamento, também permitirem que Jesus e os diversos autores apostólicos dessem cada qual o seu depoimento. [...] não se pode, nem se deve persistir na pressuposição de que o Antigo e o Novo Testamento formam cada um uma unidade de pensamento (Kummel, 1983, p. 11).

Aquela grande colcha de retalhos de literatura antiga, a bíblia, passou a ser entendida como não apresentando qualquer tipo de unidade, nem no interior dos próprios testamentos, nem entre eles. Uma vez que o estudo dos livros bíblicos seria basicamente aplicação dos conhecimentos históricos e científicos, não se requeria crença nem envolvimento religioso com a análise dos documentos:

Fundamentalmente, o exegeta deve aproximar-se da obra que quer compreender, partindo “de fora” e não “de dentro”. Por isso, a compreensão do Antigo Testamento não requer a fé e o envolvimento pessoal como pressuposto. Fundamentalmente, também o incrêdo, desde que não eleve sua descrença a nível de princípio da compreensão, pode compreender e expor aquilo que a Bíblia diz, mesmo não aceitando o conteúdo que ela apresenta (Fohrer, 1982, p. 48)

A Bíblia portanto, seria uma fonte de conhecimento científico, objetivo, racional e livre de pressuposições confessionais. Estas concepções levaram aos estudiosos da bíblia a buscarem no texto, fragmentos de algum interesse, uma vez que não se tratava de uma única obra, de um único autor, com qualquer conexão entre si. Em consequência destes novos entendimentos, e do surgimento da escola da história da religião, o Antigo e o Novo Testamento tornaram-se material para elaborações de História da Religião de Israel, História de Jesus, e História das Origens do Cristianismo.

Para além das discussões ocorridas na Academia, ou nos centros de formação de pastores, padres, teólogos, poderia se indagar: “Como um cristão compreenderia a sua caminhada cristã, sua vida na comunidade de fé, sua relação com Deus e com os outros, a partir de um livro sagrado fragmentado, desacreditado e duvidoso?”

2. A HERMENÊUTICA BÍBLICA DA LIBERDADE

A partir das profundas desigualdades sociais observadas na América Latina, inclusive diante da existência de muitas ditaduras na América do Sul, nos anos 60, alguns teólogos iniciaram um movimento que ficou conhecido como Teologia da Libertação, indiscutivelmente influenciado por uma orientação marxista. Esse movimento mostrou-se muito duradouro, e trouxe uma revolucionária proposta hermenêutica da Bíblia.

Os proponentes do movimento de libertação não desprezaram os resultados oriundos de uma leitura científica das Escrituras, decorrentes do método histórico-crítico, antes agregaram um conteúdo ideológico para propor uma nova hermenêutica. Assumiu-se que a maior parte do próprio texto bíblico seria produzido por uma classe rica dominante. Então fazia-se necessário, com a utilização do ferramental das ciências sociais “depurar” a narrativa bíblica de suas mediações materiais e ideológicas:

A Bíblia é um livro concluído e estruturado em sua maior parte por uma classe social rica que está, por si só, muito distante do povo. Isto é mais visível no que diz respeito ao Antigo Testamento, que reflete claramente a ideologia do sul (Judá), de Jerusalém em particular, onde atuava a classe dominante do país (Croatto, 1994, p. 81, tradução nossa).

Portanto, a leitura e interpretação do texto sem a utilização das lentes das ciências sociais, e mais especificamente a partir de uma leitura de luta de classes, poderia resultar numa leitura ingênua, e numa hermenêutica equivocada. Assim, a afirmativa teológica tradicional de que Israel é povo escolhido de Deus, colocado no meio dos povos para levá-los a conhecer o Deus verdadeiro, é colocada sob suspeita. A Eleição não é eleição é a reflexão de se entender como povo de Deus. “Os israelitas organizam-se e libertam-se dos egípcios de forma espetacular junto com outros. O povo que escolheu Deus se sente escolhido por Deus” (Boff, 1991, p. 48). Para se ter uma compreensão correta das narrativas bíblicas, se faz necessário de acordo com Boff (1991, p. 47):

Importa, portanto, articular sociologia com teologia a fim de evitar tanto a mistificação (explicação divina de dados sociais), o teologismo (o fator religioso explica tudo) quanto o sociologismo (os conhecimentos sociológicos são os únicos válidos no esclarecimento do fato religioso). A partir de uma consideração dos dados econômicos, sociais, políticos, militares e religiosos (o que não cabe aqui realizar) se aprenderia o processo de formação dos filhos de Israel (Benê Isra-el).

Ressalte-se, no entanto, que é central na Teologia da Libertação, inclusive a nomina, a hermenêutica da liberdade, que por sua vez baseia-se no evento do Êxodo. Toda a mensagem da bíblia é lida e entendida a partir do Êxodo! Deus, é antes de tudo o Deus libertador:

A concepção israelita de Javé, o Deus do povo hebreu, está inextricavelmente ligada à experiência de libertação da escravidão no Egito. É um *núcleo querigmático e teológico*. Num tal contexto, o Deus salvador é identificado com o libertador. Após narrar o feito da saída/fuga do Egito, o texto comenta: “Israel viu a mão poderosa com que Yahweh agia no Egito, e o povo temeu a Yahweh, e acreditou nele e em Moisés, seu servo” (Êx 14:31). É uma crença que surge da experiência de libertação. Esta experiência torna-se doravante o “referente” do projeto histórico-salvífico de Israel (Croatto, 1994, p. 82, tradução e grifo, nossos).

A libertação de Israel do jugo de Faraó torna-se o núcleo querigmático e teológico das Escrituras. A mensagem da Bíblia é a mensagem de libertação, mas não apenas de libertação, é a libertação do pobre, do oprimido, do mais fraco, do poder do rico, do poderoso, do opressor. Nas palavras do autor, este evento torna-se o referente, o código que tornará possível a compreensão de toda a história da salvação a partir de Israel. Sem esse referente, a compreensão da mensagem é impossível!

O conceito de Deus na Bíblia é uma releitura da experiência do êxodo. É por isso que as instituições, as festas, a crítica profética à ruptura da aliança, o anúncio de uma nova ordem de justiça, a esperança messiânica, a proclamação de Jesus, recuperam a “memória” do êxodo como conteúdo libertador (Croatto, 1994, p. 83, tradução nossa).

A mensagem da libertação cujo protótipo é a libertação do Egito, estará em toda a Bíblia. É a lente através da qual todo o texto deverá ser enxergado e compreendido. Mesmo com as transposições contextuais, a mensagem de libertação permeia as páginas do Novo Testamento, sentindo-se, às vezes à distância, os ecos da teologia do êxodo (Croatto, 1994, p. 84-85). O Projeto do Deus libertador envolve a luta pelo fim da pobreza e da injustiça social, pois a libertação integral querida por Deus passa pela comunhão de bens (At 2.44; 4.32-34) (Boff, 1991, p. 55).

Propõe-se uma hermenêutica da liberdade que fornece ao leitor da bíblia um engajamento claro com o que seria o propósito de Deus: a libertação dos oprimidos das estruturas sociais de poder e alienação.

A teologia da libertação é movida, de um lado, pela necessidade de libertação histórico-social do povo latino-americano, e, de outro lado, pelo compromisso com a Palavra de Deus. Resulta do encontro entre o clamor dos povos que pedem libertação e o apelo de Deus que chama a continuar a escrever a história do Êxodo no contexto de novos Egíptos (Arduini, 1986, p. 55).

A hermenêutica da libertação é oferecida como metodologia de leitura de toda a bíblia. Admite-se que algumas passagens das Escrituras sejam salientadas, o que não significa excluir ou negar outras, o que se explica a partir do fato de que palavras, cenas, acontecimentos têm mais a dizer às necessidades vividas pelas Igreja na América Latina. É fato, contudo, que o pobre e o oprimido estão no centro da mensagem bíblica (Arduini, 1986, p. 55-56).

A hermenêutica da libertação, contudo, é uma proposta recente, sem respaldo na história da igreja, e claramente influenciada pela ideia da luta de classes. A proposta é artificial, e não necessariamente a interpretação será extraída do que se está no texto, mas sim, o que se quer que o texto diga.

3. UMA HERMENÊUTICA MISSIONAL

Numa conceituação um tanto superficial, pode-se afirmar que hermenêutica missional é a leitura das Escrituras tendo a missão como referência fundamental para a interpretação bíblica. Há de se ressaltar porém que está pressuposto a autoridade das Escrituras como Palavra de Deus, e Deus como seu Autor.

3.1. Origens

Para ser depurada de suas posições extremadas, assumidas tanto como reação como adaptação ao Iluminismo, ao longo do século XX, a erudição bíblica sofreu processos, alguns demorados, para que os estudiosos voltassem a entender a bíblia como uma unidade, e o Antigo Testamento como testemunho da Aliança, além do simples registro da Religião do Antigo Israel. Para que voltassem a ouvir a voz de Deus nas Escrituras, e não somente ecos de uma antiga história, a maior parte dela sob questionamento.

Na segunda metade do século XX, nas décadas de 50 e 60, um movimento que conectou estudiosos da bíblia do mundo inteiro, tomou lugar, principalmente na Europa. Este movimento ficou conhecido como “teologia bíblica”. Alguns nomes foram muito relevantes nesse processo. H.H.Rowley foi um deles. Professor no University College, em Bangor, e depois em Manchester, secretário da *Society for Old Testament*

Study, por algum tempo missionário na China, pastor batista, erudito do Antigo Testamento, professor Rowley foi uma figura incansável como expoente do movimento da Teologia Bíblica. Escreveu *The Missionary message of the Old Testament*, *The Biblical Doctrine of Election*, *A Fé de Israel*, entre outros. Em um de seus livros, *The Unity of the Bible* ele escreveu:

De muitas maneiras, o escritor encontra uma correspondência entre o Antigo Testamento e o Novo, mas isso não significa que ele leia o Antigo em termos do Novo, ou imponha os padrões do Novo ao Antigo. Cada Testamento deve ser lido antes de tudo em termos de si mesmo e de seu próprio *Sitz im Leben*. As suas instituições e as suas ideias devem ser examinadas por si mesmas antes de serem relacionadas entre si, e a atenção não deve ser dedicada exclusivamente aos elementos que podem estar assim relacionados. Contudo, justamente por existir um fio contínuo, há um processo que leva de um ao outro, e porque há em ambos os Testamentos a revelação do mesmo Deus, não é surpreendente que devam existir padrões recorrentes. O caráter de Deus é visto em Sua revelação, e porque Seu caráter é único, sua marca pode ser encontrada na diversidade das formas da revelação. (Rowley, 1953, p. 20, tradução nossa).

Sua experiência em missões, e como biblista credenciaram Rowley a explorar o texto bíblico, trazendo novamente concepções que o criticismo histórico, embebido numa “heterodoxia iluminista” havia privado tanto a igreja como os expoentes das escrituras. Não se negava a diversidade encontrada na Bíblia, no entanto, se reconhecia a clara unidade atravessando toda a diversidade.

Reafirmando novamente a autoridade das Escrituras, sua unidade e importância da sua mensagem, os cristãos voltam-se novamente para a Bíblia em busca de orientação, direcionamento e identificação enquanto povo de Deus. Após uma guerra em que as grandes nações cristãs do mundo se enfrentaram, diga-se de passagem, pela segunda vez em menos de 40 anos. A obra missionária atrelada a concepções colonialistas começava a ter sua incoerência e hipocrisia exposta. O Conselho Missionário Internacional se reuniu, em 1952, na cidade alemã de Willingen, com a tarefa de reformular o mandato missionário e revisar as políticas de missão tradicionais. Era preciso trazer novo fundamento à missão. O contexto e a necessidade são resumidos de forma bem clara nestas palavras:

Pouco considerada pela teologia científica, constantemente atacada pela massa dos incrédulos e indiferentes, objeto de mofa e zombaria por parte da imprensa sensacionalista, muitas vezes contestada por governos totalitários, a missão sempre se viu na contingência de comprovar sua razão bíblica de ser (Vicedom, 1996, p. 13).

Nesta conferência, a separação entre missão e igreja foi desafiada, prevalecendo a ideia de que a igreja é missionária por sua própria natureza. A divisão do mundo entre o Ocidente cristão e o terceiro mundo pagão perdeu o sentido. As igrejas do hemisfério sul estavam crescendo rapidamente, bem como noutras partes do mundo. O Ocidente é tanto um campo missionário quanto o terceiro mundo — a missão está em todos os seis continentes; a missão como expansão geográfica deu lugar a uma compreensão da missão como a tarefa de toda a igreja, onde quer que estivesse, para testemunhar ao evangelho completo em todo o mundo.

3.2. A *missio dei*

Da Conferência de Willingen foi sendo construído o conceito de *missio Dei*, descrita por Georg Vicedom no seu livro *Missio Dei, Einführung in eine Theologie der Mission*, publicado em 1958, na então República Federal da Alemanha, e editado 38 anos depois no Brasil sob o título: *A Missão obra de Deus, Introdução a uma teologia da missão*.

A missão, em maior ou menor medida, [é descrita] como uma obra executada por seres humanos para seres humanos, mesmo que a descrevam como uma obra cristã. Todavia, na crise atual Deus quer nos lembrar seriamente que a missão, embora seja tudo isto, primordialmente é e continuará sendo de modo intrínseco Sua obra. Ela é obra de Deus que tem apenas um objetivo, qual seja salvar as pessoas diante da perdição eterna (Vicedom, 1996, p. 103).

A nova forma de entender a missão parecia desafiar um entendimento secular que centrava na igreja e em suas ações a tarefa missionária. A igreja tinha uma missão, e não cumpria sua missão por causa dos fatores históricos e políticos que a “impediam de realizá-la”. A nova hermenêutica trazia a missão para o próprio Deus:

Missio Dei significa, antes de mais nada, que a missão é obra de Deus. Ele é o Senhor, o doador da tarefa, o proprietário, o executante. Ele é o sujeito ativo da missão. Se atribuirmos a missão desse modo a Deus, ela está isenta de todo arbítrio humano. Portanto, temos que mostrar que Deus quer a missão e como ele próprio a executa. Com isso já estão estabelecidos todos os parâmetros necessários. A missão, e com ela Igreja, são obra do próprio Deus. Portanto, não é possível falar da “missão da Igreja”, muito menos podemos falar de “nossa missão”. Visto que tanto a igreja quanto a missão têm sua origem na vontade amorosa de Deus, podemos falar de Igreja e missão somente na medida em que elas não são entendidas como grandezas autônomas. Ambas são tão-somente instrumentos de Deus, através do qual Deus promove sua missão. Somente se a Igreja cumpre, em obediência, a intenção missionária dele, ela pode também falar de sua missão, porque esta então está acolhida na *missio Dei* (Vicedom,, 1996, p. 16).

A ênfase está no que Deus está fazendo para a redenção do mundo. Depois disso, é dada consideração a como a igreja participa da missão redentora de Deus. Karl Barth foi o primeiro teólogo moderno a conectar a missão com o envio intratrinitário de Deus — o Pai envia o Filho, o Pai e o Filho enviam o Espírito, Jesus envia a igreja para continuar sua missão no poder do Espírito.

É necessário enfatizar que, se não houvesse Bíblia, não haveria Igreja e não haveria missão. Mas se a missão é de Deus, tanto a Igreja como a Bíblia são os resultados de suas ações. A relação intrínseca entre Bíblia, Igreja e missão é dinâmica.

Em 1962, Dr. Johannes Blauw membro da Comissão de Missão Mundial e Evangelismo do Concílio Mundial de Igrejas publicou *The Missionary Nature of the Church, a Survey of the Biblical Theology of Mission* que em apenas 4 anos foi traduzida e publicada no Brasil pela ASTE (Associação de Seminários Teológicos Evangélicos), com recursos de Instituições Missionárias Luteranas da Alemanha, sob o título “A Natureza Missionária da Igreja, Exame da Teologia Bíblica da Missão”.

A justificativa para a obra como um exame da Teologia Bíblica da Missão é assim explicada: “Quando as missões não são consideradas como fenômeno histórico, mas como comissão divina, a questão de uma base bíblica e teológica da missão passa a ser importante” (Blauw, 2012, p. 15). Para Blauw, é necessário enfatizar que “a teologia da missão não seja baseada apenas na faixa estreita de alguns ‘textos missionários’, mas em todo o testemunho, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento” (Blauw, 2012, p. 23).

Significativos avanços e reflexões ocorreram ao longo dos últimos anos, no debate acerca do assunto. Em 1972, George W Peters, do Seminário Teológico Dallas, escreveu *A biblical theology of missions*, publicado no Brasil em 2000, sob o título Teologia Bíblica de Missões. Peters (2023, p. 24) no qual traçou “a fundamental [ou subjacente] universalidade da intenção missionária na Bíblia”.

Em 1983, Carroll Stuhlmueller e Donald Senior, da União Teológica Católica de Chicago publicaram *The Biblical Foundations for Mission*, traduzido e publicado no Brasil em 1987, pelas Edições Paulinas sob o título “Os Fundamentos Bíblicos da Missão”. Seu objetivo foi compreender “como a missão universal se tornou parte aceita da perspectiva cristã das Escrituras” (Senior; Stuhlmueller, 1987, p. 12).

David Bosch (1929-1992) foi um dos missiólogos mais prestigiados do século XX. Sua mais importante contribuição foi o livro *Missão transformadora* (1991), no qual articulou os elementos que representariam o despontar de um novo paradigma de missão.

Em 1992, as Edições Vida Nova publicaram um livreto de Timóteo Carriker intitulado “Missões na Bíblia, princípios gerais”, que na realidade era um compilado dos artigos publicados por Carriker na revista *Ultimato*, entre 1983 e 1986 (Carriker, 1992, p. 9). Mas o livreto de Carriker avança algo mais em relação às demais obras já publicadas porque traz o relato da criação como base de missões, não apenas enfocando a criação do homem, mas destacando que na criação do mundo estava o palco de missões. “Nada menos que o mundo inteiro pertence à esfera do interesse de Deus. Antes de ser uma preocupação mais restrita a preocupação é basicamente universal. Antes de ser o Deus de Israel, ele é o Deus do universo” (Carriker, 1992, p. 13). Este autor veio a se tornar a voz mais relevante acerca do assunto, no Brasil.

As discussões acerca da missão intensificaram-se na última década do milênio. Muitos expoentes trouxeram valiosas contribuições. Para melhor compreensão da hermenêutica missional, é preciso citar alguns nomes que foram responsáveis pelo aprofundamento das ideias ligadas ao tema.

3.3. Christopher Wright, propõe uma hermenêutica missional

Christopher Wright, estudioso com experiência transcultural na Índia, com doutorado na Universidade de Cambridge, atuou na direção do Langham Partnership, ministério fundado por John Stott cujo fim é promover a formação teológica de líderes para a igreja do mundo majoritário. Também atuou junto ao Movimento Lausanne, como diretor do comitê de teologia responsável pela publicação do *Compromisso da Cidade do Cabo* (Lausanne 3, 2010). Em 2006, escreveu “A Missão de Deus, desvendando a grande narrativa da Bíblia”, publicado no Brasil em 2014.

Wright propôs uma hermenêutica missional, que vai além dos livros que propõem fundamentos bíblicos da missão, que, em sua maioria reúnem “o maior número possível de textos que possam ser considerados mandatos missionários ou que apoiem a empreitada missionária de forma mais indireta” (Wright, 2014, p. 34). A tarefa não é analisar cuidadosamente os textos e provar em cada um sua relevância

missionária. É entender que o sentido da mensagem central das escrituras ou mesmo sua própria essência é a missão!

Pode-se falar de uma “coerência hermenêutica” de uma perspectiva integral da Bíblia a partir da experiência do Caminho de Emaús. No primeiro século, era conhecida a diversidade de interpretação dos textos do Antigo Testamento, materializada nas várias seitas judaicas:

Ainda assim, as palavras de Jesus “Ihes abri [ram] o entendimento para compreenderem as Escrituras” (Lc 24.45). Em outras palavras, o próprio Jesus forneceu a coerência hermenêutica dentro da qual todos os discípulos devem ler esses textos, isto é, à luz da história que conduz *para* Cristo (leitura messiânica) e da história que prossegue *a partir* de Cristo (leitura missional). Essa é a história que flui da mente e do propósito de Deus em todas as Escrituras, para todas as nações. Essa é a hermenêutica missional da Bíblia como um todo (Wright, 2014, p. 40, grifo do autor).

É interessante registrar que Wright menciona a hermenêutica da liberdade, proposta na Teologia da Libertação. Segundo o autor, a hermenêutica missional vai além, uma vez que “não se contenta na defesa de algum grupo ou ‘interessada’ no mercado, antes, uma leitura amplamente missional da Bíblia, incorpora as leituras de libertação” (Wright, 2014, p. 42-43).

A existência da Bíblia é colocada como base para a própria hermenêutica missional. Wright (2014, p. 47) afirma “o cânon inteiro das Escrituras é um fenômeno missional, no sentido de que é testemunha do movimento desse Deus que se doa à própria criação”. Assim, a “Bíblia como um todo conta a história da missão de Deus, por meio do povo de Deus, em seu envolvimento com o mundo de Deus, em prol de toda a criação de Deus” (Wright, 2014, p. 50-51).

A pressuposição fundamental de uma hermenêutica missional da Bíblia remete à narrativa bíblica em suas partes: Criação, Queda, Redenção e esperança futura. E há somente um Deus operando no universo e na história humana, esta é a sua missão. A partir da missão de Deus, encontramos a humanidade com uma missão, Israel com uma missão, Jesus com uma missão, a Igreja com uma missão.

Em 2010, Christopher Wright escreveu *A Missão do Povo de Deus*, uma Teologia Bíblica da Missão da Igreja, publicado no Brasil em 2012. Este livro pretendia responder às perguntas: “Que tem a Bíblia toda a nos dizer, nos dois testamentos, a respeito da razão de existir o povo de Deus e a respeito do que se espera que ele seja e faça neste mundo?” (Wright, 2012, p. 21-22).

Wright (2014, p. 68) define a hermenêutica missional como o empenho para ler qualquer passagem da Bíblia à luz:

- do propósito de Deus para toda a sua criação, incluindo a redenção da humanidade e a criação dos novos céus e da nova terra;
- do propósito de Deus para a vida humana como um todo no planeta, e de tudo o que a Bíblia ensina sobre cultura, relacionamentos, ética e o comportamento humanos;
- da eleição histórica de Israel por parte de Deus, da sua identidade e papel em relação às nações e das exigências divinas quanto à adoração, à ética social e ao sistema de valores total de Israel;
- da centralidade de Jesus de Nazaré, da sua identidade messiânica e missão em relação a Israel e às nações, e da sua cruz e ressurreição;
- do chamado de Deus à igreja - a comunidade de judeus e gentios cristãos que constituem o povo maior da aliança de Abraão - para ser o agente da bênção de Deus às nações, em nome do Senhor Jesus Cristo e para a sua glória.

O autor propõe uma analogia entre a estrutura hermenêutica da Bíblia e um mapa. Ressalta que é preciso admitir que num mapa em algum grau há algum tipo de distorção, sem que isso signifique que o mesmo seja falso ou pretenda enganar:

[...] nem todos os aspectos do cenário representado podem figurar no mapa [...] nenhuma estrutura interpretativa pode dar conta de todos os detalhes do texto [...] mas assim como um mapa a estrutura hermenêutica pode fornecer uma forma de enxergar a região toda, de se orientar através dela... (Wright, 2014, p. 69-70).

A pressuposição fundamental de uma hermenêutica missional da Bíblia remete à narrativa bíblica em suas partes: Criação, Queda, Redenção e esperança futura. E há somente um Deus operando no universo e na história humana, esta é a sua missão. A partir da missão de Deus, encontramos a humanidade com uma missão, Israel com uma missão, Jesus com uma missão, a Igreja com uma missão.

3.4. Michael Goheen propõe uma eclesiologia missional e aprofunda a hermenêutica missional

Canadense, com doutorado na Universidade de Utrecht, Michael Goheen tornou-se uma das maiores autoridades no campo da missão no mundo contemporâneo. Em 2011, Michael Goheen escreveu *A Igreja Missional na Bíblia, Luz para as nações*, publicado no Brasil em 2014. O autor explorou a hermenêutica missional aplicada ao povo de Deus: *A missio Dei* (A missão de Deus) nos oferece

uma perspectiva para compreender a *missio ecclesiae* (a missão da igreja), uma abordagem na linha da Missão do Povo de Deus, de Wright.

Seguindo Wright, Goheen (2014, p. 39) enfatiza que a identidade e o papel da igreja são definidos por sua eleição enquanto povo de Deus, sendo “esse propósito na missão de Deus em favor do mundo”. Ao propor uma Eclesiologia Missional é preciso iniciar com o entendimento de Israel como um povo missional, somente depois se chega à comunidade iniciada por Jesus. “A identidade missional de Israel é definida pelo papel que é chamado a desempenhar na iniciativa redentora de Deus [...] O povo de Deus é missional pelo fato de que se envolve nessa obra em favor do mundo” (Goheen, 2014, p. 43). Em 2014, Michael Goheen escreveu *Introducing Christian Mission Today*, publicado em 2019 no Brasil com o título *A Missão da Igreja Hoje*.

Em 2016, Michael Goheen editou o livro *Reading the Bible Missionally*, ainda não publicado no Brasil. Nesta obra, um grupo de estudiosos participam com valiosas contribuições acerca do tema. Além do próprio Goheen, eruditos conhecidos com N. T. Wright, Joel B. Green, Craig Bartholomew, Richard Bauckham e outros aprofundam os desafios da hermenêutica missional.

3.5 Timóteo Carriker, e a hermenêutica missional na prática

Norte americano com doutorado na Escola de Estudos Interculturais do Seminário Teológico Fuller. Timothy Carriker veio para o Brasil em 1977, como missionário da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos. Trabalhou como plantador de igrejas e ministrou durante muitos anos em vários cursos teológicos. Em 2002 foi naturalizado brasileiro. Timóteo Carriker, ou simplesmente Tim Carriker, tem dedicado a sua vida ao estudo do tema de missão. Escreveu 19 livros e muitos artigos acadêmicos.

Em 2014, Carriker foi o editor-geral da Bíblia Missionária de Estudo, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil. Carriker finaliza sua “mensagem do editor”, com as seguintes palavras:

Nós fazemos parte dessa história! É a história da missão de Deus, do seu amor pelo mundo e do seu plano de resgatar o mesmo. E é a história da qual somos incumbidos a participar, e participar ativamente. É a missão de Deus. É a nossa missão (BÍBLIA, 2014, p. xxiv).

A Bíblia Missionária foi uma empreitada prática das propostas teóricas de uma hermenêutica missional. A participação de vários especialistas, comentadores e colaboradores trouxe visões enriquecedoras da leitura do texto a partir da Missão.

Tim Carriker participou do grupo internacional que trabalhou em colaboração em um projeto multid denominacional, conhecido como Edinburgh 2010 (em comemoração ao centenário da histórica Conferência Missionária de Edinburgh), baseado no New College, Universidade de Edinburgh. Esta iniciativa reuniu representantes de vinte diferentes organismos cristãos globais, representando todas as principais denominações e confissões cristãs, e muitas vertentes diferentes de missão e vida da igreja.

Um dos temas discutidos no evento foi acerca da Bíblia e Missão. Estas discussões resultaram na publicação de um volume na série *Regnum Edinburgh Centenary*. A valiosa contribuição de Tim Carriker foi através do artigo “*The Bible as text for Mission*”. Esse artigo foi citado na introdução do livro de Wright (2023, p. xi).

Neste artigo, de forma muito didática, Carriker propõe um quadro que esclarece a função da bíblia em sua relação com a missão, tanto como sujeito, como como objeto. Um diagrama é proposto onde a parte superior diz respeito à missão de Deus, ou *missio Dei*, e a parte inferior às missões da igreja, ou *missiones ecclesiae*:

Bíblia como sujeito

Bíblia como objeto

<p>A Bíblia como a história da missão de Deus:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A Missão como uma chave hermenêutica; • A narrativa do plano de Deus para o mundo; • A “construção” da identidade de Deus e de seu povo; • A Bíblia Missionária de Estudos [projeto] 	<p>A Bíblia como produto da missão de Deus:</p> <ul style="list-style-type: none"> • As origens históricas da Bíblia (códices, manuscritos, cópias); • As ressurgências da Escritura (Lei, profetas, Neemias e Esdras, Sinagoga, cristianismo primitivo, Reforma protestante); • Novas traduções ou edições de estudo temático.
<p>A Bíblia como <i>história</i> das missões:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fundamentos bíblicos para o ministério missionário da igreja; 	<p>A Bíblia como <i>ferramenta</i> missionária:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Publicação e distribuição da Bíblia • Pregação e audição da Bíblia

<ul style="list-style-type: none"> • O lugar missional dos leitores; • Projeto da Bíblia de Estudo Missionário 	<ul style="list-style-type: none"> • Público com necessidades especiais • Novas traduções ou edições de estudo temático.
--	--

(adaptado de Carriker, 2013, p. 30, tradução nossa)

Quando a Bíblia é apresentada como a história da missão de Deus, e conseqüentemente, como a história do chamado missionário do povo de Deus, automaticamente estamos no campo da hermenêutica. Assim, se propõe a “missão de Deus” como chave para a interpretação das Escrituras.

Seguindo a proposta hermenêutica de Paul Ricoeur, Carriker propõe a abordagem da missão a partir de três locais interpretativos: o significado “dentro” do texto, o significado “atrás” do texto e o significado “na frente” do texto. Vale a pena uma análise rápida de cada uma das posições. A Missão “por trás do texto”:

A contribuição de Darrell Guder opera no plano hermenêutico “por trás” do texto. Ou seja, ele enfatiza o propósito missionário dos autores e editores que produziram o texto bíblico e as preocupações missionárias das comunidades que representam. Para ilustrar, as cartas de Paulo refletem suas próprias preocupações missionárias e, por extensão, as das comunidades para as quais ele escreveu. Quando ele encoraja união entre judeus e cristãos gentios na igreja em sua Carta aos Romanos, capítulos 12-14, ele apela às passagens messiânicas do Antigo Testamento passagens que antecipam o louvor tanto dos judeus como dos gentios pelas misericórdias de Deus já demonstradas (Romanos 15:1-13) (Carriker, 2013, p. 33, tradução nossa).

Assim, é necessário perceber que há um tema missionário como uma chave hermenêutica para a interpretação bíblica, por trás do texto. Isto não apenas nos documentos neotestamentários, mas também nos textos do Antigo Testamento.

Missão “dentro do texto” tem sido a perspectiva esposada por Blauw, Wright e o próprio Carriker (2013, p. 34), isto é, a narrativa da missão como chave para a interpretação bíblica:

Para esclarecer sua própria perspectiva Wright fala sobre a base missionária do Bíblia em vez da base bíblica da missão. Dessa forma, ele enfatiza a missão de Deus como o principal enredo narrativo bíblico, o propósito para o qual a Bíblia existe. “A Bíblia nos conta a história da missão de Deus através do povo de Deus em seu envolvimento com o mundo de Deus por causa de toda a criação de Deus”. Além disso, ele afirma, “que uma forte teologia da missão de Deus fornece uma estrutura hermenêutica produtiva dentro da qual se lê a Bíblia inteira” (tradução nossa).

A última posição a ser analisada é a Missão “diante do texto”. Seu principal expoente é Michael Barram:

Uma hermenêutica missional é "uma abordagem do texto bíblico enraizada na convicção básica de que Deus tem uma missão no mundo e que lemos as Escrituras como uma comunidade chamada e alcançada por esses propósitos divinos". Essa perspectiva particular é caracterizada por um compromisso de articular fielmente a missão de Deus e o papel que a comunidade tem no cumprimento dessa missão (Carriker, 2013, p. 35).

Estas perspectivas podem ser alocadas no diagrama proposto por Carriker no qual são consideradas as relações entre a Bíblia e a missão da seguinte forma:

Bíblia como sujeito	Bíblia como objeto
<p style="text-align: center;"><i>Missão “dentro do texto”</i></p> <p>A Bíblia como a história da missão de Deus:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A Missão como uma chave hermenêutica; • A narrativa do plano de Deus para o mundo; • A “construção” da identidade de Deus e de seu povo; • A Bíblia Missionária de Estudos [projeto] 	<p style="text-align: center;"><i>Missão “por trás do texto”</i></p> <p>A Bíblia como produto da missão de Deus:</p> <ul style="list-style-type: none"> • As origens históricas da Bíblia (códices, manuscritos, cópias); • As ressurgências da Escritura (Lei, profetas, Neemias e Esdras, Sinagoga, cristianismo primitivo, Reforma protestante); • Novas traduções ou edições de estudo temático.
<p>A Bíblia como <i>história</i> das missões:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fundamentos bíblicos para o ministério missionário da igreja; • O lugar missional dos leitores; • Projeto da Bíblia de Estudo Missionário 	<p style="text-align: center;"><i>Missão “em frente do texto”</i></p> <p>A Bíblia como <i>ferramenta</i> missionária:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Publicação e distribuição da Bíblia • Pregação e audição da Bíblia • Público com necessidades especiais • Novas traduções ou edições de estudo temático.

(adaptado de Carriker, 2013, p. 33, tradução nossa)

Está demonstrada a relevância de Carriker na temática da missão, e especificamente na hermenêutica missional, tanto nacional como internacionalmente. O amadurecimento, resultado de tantos anos de labor e reflexão no campo da Missão, foi compartilhado no livro “O Propósito de Deus e a nossa vocação: uma teologia bíblica da missão toda”, publicado em 2021.

Carriker tem editado, em parceria com Sherron Kay George, a série Mergulho Missional, na qual os textos bíblicos são estudados a partir de uma hermenêutica missional. Já foram publicados pelo menos 6 volumes dessa série cobrindo quase todo o Novo Testamento.

3.6. A pertinência da hermenêutica missional

Em seu artigo “A Missional Reading of Scripture for Theological Education and Curriculum”, Michael Goheen elencou aspectos observados na atual educação teológica, que embora o autor tenha por referência a realidade norte-americana, esses aspectos também podem ser percebidos na realidade brasileira:

- Preparação para o ministério pastoral: os assuntos ensinados no Seminário são altamente teóricos, e tal reflexão teológica desengajada aliena os estudantes do ministério, deixando-os despreparados para sua chamada pastoral;
- Formação espiritual e moral: Seminários por sua própria natureza estão primariamente voltados para o lado cognitivo do treinamento, e a primazia intelectual da informação, e, portanto são incapazes de nutrir, supervisionar ou mesmo avaliar o crescimento espiritual dos estudantes;
- Conexão com a congregação local: Seminários são instituições acadêmicas que frequentemente tem pouca conexão com as congregações locais as quais eles servem;
- Qualificação do corpo docente: Docentes são escolhidos primariamente a partir de sua formação acadêmica, portanto, os seminários são compostos por professores com pouca ou nenhuma experiência pastoral seminários;
- Profissionalização do ministério: o modelo acadêmico-profissional de ministério leva à colocação de jovens inexperientes como líderes de congregações, por causa de suas qualificações acadêmicas, não por causa de sua experiência ministerial (Goheen, 2016, p. 299-300, tradução nossa).

A problemática parece ser resultado de uma hermenêutica neutra, desengajada, que não apresenta uma metanarrativa desafiadora e fiel ao texto bíblico. Uma solução muito adequada para as questões observadas na educação teológica é a utilização de uma hermenêutica missional das Escrituras. Michael Goheen afirma que “é preciso uma hermenêutica teológica robusta que enxergue a missão como uma parte essencial da história bíblica” (Goheen, 2016, p. 316).

Se no estudo das Escrituras a hermenêutica missional for utilizada, segue-se que haverá um claro impacto na reflexão teológica. Se a identidade central da igreja for missional, então é levantada a questão de como a teologia equipa a igreja para sua vocação. Se houver uma qualidade fundamentalmente missional na igreja, então certamente isto deverá ser refletido em sua educação teológica (Goheen, 2016, p. 303-304). Não há dúvida de que a adoção de uma hermenêutica missional impactará não apenas a igreja e a educação teológica, mas como resultado, impactará também o mundo!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hermenêutica missional não parece ser mais um modismo ou novidade passageira que sacode as estruturas do pensamento teológico e eclesial, e depois desaparece sem que se perceba, e se torna apenas uma nota de rodapé nos registros da História da Igreja.

A Missão é um tema basilar na vida da Igreja e imprescindível para o seu posicionamento no mundo. Como foi exposto, a Missão é um tema fundamental nas Escrituras. A leitura da bíblia a partir da metarrativa da *Missio Dei* desafia o povo de Deus a assumir o seu papel como povo da Missão de Deus.

Portanto, não se trata apenas de algo de muita pertinência, de grande relevância. Talvez tenha que se pensar em sua imprescindibilidade para, não apenas a viabilização do cumprimento da missão da Igreja, mas para a própria sobrevivência desta.

A hermenêutica missional é, portanto, absolutamente necessária no ambiente de educação teológica, que funcionará como disseminador desta metodologia de leitura do texto bíblico, uma vez que os estudantes de teologia, não apenas aprenderão e assimilarão, como também levarão para suas congregações, como agentes multiplicadores, ou vice-versa, podendo ser percebido um movimento de transformação a partir da Igreja, isto é, da prática à reflexão teológica!

REFERÊNCIAS

ARDUINI, Juvenal. **Horizonte de esperança: teologia da libertação**. São Paulo: Paulinas, 1986.

BÍBLIA. **Bíblia missionária de Estudo**. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

BLAUW, Johannes. **A natureza missionária da igreja: exame da teologia bíblica da missão**. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2012.

BOFF, Leonardo. **E a Igreja se fez povo**. Petrópolis: Vozes, 1991.

BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2021.

CARRIKER, C. Timóteo. **Missões na Bíblia: princípios gerais**. São Paulo: Vida Nova, 1992.

CARRIKER, C. Timóteo. **The Bible as Text for Mission** in HOGGARTH, Pauline; MACDONALD, Fergus; MITCHELL, Bill; JORGENSEN, Knud. Regnum Edinburgh Centenary Series 18. Oxford: Regnum Books, 2013. P. 29-39

CROATTO, José Severino. **Hermenéutica bíblica**. Buenos Aires: Lumen, 1994.

FOHRER, Georg. **Estruturas teológicas fundamentais do Antigo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1982.

GOHEEN, Michael. **A igreja missional na Bíblia, luz para as nações**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GOHEEN, Michael W. (editor). **Reading the Bible Missionally**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing, 2016.

KUMMEL, Werner Georg. **Síntese teológica do Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 1983.

PETERS, George W. **Teologia Bíblica de missões**. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.

ROWLEY, H.H. **The Unity of the Bible**. Philadelphia: Westminster Press, 1953.

SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carroll. **Os fundamentos bíblicos da missão**. São Paulo: Paulinas, 1987.

VICEDOM, Georg. **A missão como obra de Deus**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

WRIGHT, Christopher J.H. **A missão de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do Povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2012.